

Vale (também) o que está escrito: o Pensamento Negro Contemporâneo como parte do Pensamento Social no Brasil (2ª Parte) *

Amauri Mendes Pereira **

Resumo

O texto procura dar visibilidade a noticiário, artigos e outros documentos publicados na Imprensa Negra paulista entre as décadas iniciais e os anos 40 do século XX. E argumenta que, por sua diversidade, escopo e complexidade, o pensamento que ali se expressa constitui parte do chamado pensamento social brasileiro. Busca, também, visibilizar o racismo predominante nas idéias e práticas sociais da intelectualidade brasileira, responsável pela reestruturação “republicana” de mecanismos capazes de perpetuar desigualdades sociais: as diferenças “raciais”, óbvias antes da abolição, precisavam de novos “jeitos” face aos desejos manifestos de branquear a população e ao incremento da imigração, e devido, também, à nova situação jurídica de igualdade formal entre todos os cidadãos. O pensamento social no meio negro se esforça por ser porta-voz das condições extremamente adversas vivenciadas nos *meios negros*, e de suas demandas de reconhecimento e inclusão social.

Palavras-chave: Imprensa Negra; Movimento Negro; Pensamento social; Preconceito e Discriminação Racial; Raça e Racismo.

* A primeira parte foi publicada na **REA**, nº 120, maio de 2011, disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/11539/6971>



** **AMAURI MENDES PEREIRA** é Especialista em História da África, Mestre em Educação, Doutor em Ciências Sociais e Professor de Sociologia na UEZO.

O racismo dominante no pensamento das elites intelectualizadas era uma preocupação, embora não a maior, dos ativistas

A auto-instituição do Movimento Negro e o pensamento político que ela gerava respondiam às insidiosas concepções a seu respeito e em relação ao negro. Não as desconheciam, ainda que sua motivação maior fosse o *alevramento material e moral da raça*. O Jornal ALVORADA, de Julho de 1946, refere e congratula a Profª Maria Isabel Pyles, cidadã paulistana, por sua palestra elogiosa sobre "O negro no Brasil" apresentada no Departamento de Sociologia e línguas modernas, Clube das Américas e Escolas de Negócios Inter-Americanos, nos EUA.

- *"No Brasil, onde ironicamente se diz que não há preconceito, onde todos são iguais, o homem negro vive vegetando. Vae se degenerando pela prostituição e por toda sorte de vícios, e depois vêm os sociólogos dizer que são obras do caldeamento."*¹

- *"Seguindo a orientação do Sociólogo Donald Pierson, que tão bem focalizou a situação do negro em face dos seus prejuízos, no sul do Brasil, o negro se vê a braços, além da condição de pária – isso falando em tese – com um tremendo preconceito de cor. Mas, indagamos nós, será apenas um mero preconceito de pigmentação que importa como prejuízo ao negro, para que ele não se veja a margem da sua integração na ordem social e como elemento de real valia na vida nacional?"*²

- *"Há uma lágrima terrível orgulhosa de sua ferocidade.(...) Choram nesses dias amargos alguns milhões de homens a quem o capricho da criação envolveu na epiderme negra.(...) E a Câmara alta que acaba de votar a lei que será o opróbrio inexoravelmente lançado em face de tantos brasileiros.(...) O que fere a alma, como ferro em brasa, é a fôrma por que certo parlamentar justificou o seu projeto.(...) Por toda uma eternidade vai ficar patente que o sangue negro é uma corrupção, que o elemento negro é uma desordem na formação do caráter ethnológico nacional.(...)Eduquemos nossos filhos, sacrifiquemos tudo para eleval-os à altura de perfeitos cidadãos, e dia virá em que, (...)o Brasil ainda mesclado de então,(...)lançará fogo aos papelórios infamantes que um dia escarneceram de sua própria casta."*³

A pregação moral e as chamadas à luta eram parte importante em todos os jornais. A pobreza e a miséria campeavam. As condições de moradia eram as piores possíveis. Dependência social da maioria. Grandes contingentes afluindo dos campos e das menores cidades, para os grandes centros. Nestas condições, eram fatais problemas de higiene individual e coletiva, e também questões éticas, morais e comportamentais. Os vícios (principalmente o álcool), o desânimo e o desalento. A Imprensa Negra fazia o possível para sacudir a *"letargia crônica dos insensatos"*

"Até que enfim esta funcionando o salão encenqueiro, mas sabem como? O tal proprietário ganancioso andou chorando de

¹ "O Mundo Negro" – José Correia Leite. Jornal Tribuna Negra. Setembro de 1935.

² "A nossa Luta" – Artigo sem assinatura. Jornal ALVORADA. Janeiro de 1946

³ "Echos do projeto F. Reis". T. Camargo. In ELITE. Janeiro de 1924.

*porta em porta pedindo misericórdia.(...) A nossa raça precisa compreender que os bailes alli foram suspensos por sua causa. Lembrem-se que lá havia um cartaz que dizia: Aqui não dança pretos! É bom evitar de frequentar esta casa tão mal vista; deveis procurar outro lugar para divertirem-se. Eu compreendo que todo homem que tem brio e vergonha, passando por uma outra não torna. Esperamos em fim o resultado."*⁴

- "Grêmio Recreativo Taça de Ouro – Um distinto diretor desta agremiação vem por meio destas columnas pedir scientificação aos senhores cavalheiros e bem assim às senhoras damas (...)o prolongado foi suspenso por esta diretoria ter notado que ahí existiam muitos cavalheiros que estavam bastante alterados, em ponto de praticar atos que venha nos prejudicar bastante e bem assim manchar a nossa classe."⁵

- "Mais um aniversário da morte de Luiz Gama passou.(...)Poucos foram os negros, poucas foram as organizações que renderam homenagens. Ao ver essas manifestações de nossa gente a minha concepção espiritual revolve o passado (...) Lutas gloriosas mas em vão porque o negro até hoje não soube ainda interpretar o seu sentido. E nessa concepção nebulosa a maioria dos negros se diverte como sempre, no gênero desnecessário. Não percebe esta gente que em nossos dias são deveres e necessidades primordiais ao indivíduo a sua educação, a cultura, a estabilidade econômica definida na sociedade.(...) E o negro, a maior vítima dos tempos, continua dançando.(...) (...)

⁴ "Salão da Rua Glycério". Sem assinatura. In A LIBERDADE. Maio de 1920.

⁵ Coluna "Sociedades". Assina – A Diretoria. In. A SENTINELLA. Outubro de 1920.

*Dancings magestosos – os Comerciais, os Martinellis – eis a loucura, a fama, a vaidade, o delírio de uma raça pobre e triste, que nos deixa triste."*⁶

Como se vê em inúmeros textos transcritos, Luiz Gama e José do Patrocínio eram tidos como os principais símbolos de luta e coerência. Em torno deles havia uma unanimidade:

- "Luiz Gama! Teu vulto altaneiro, varonil e sobranceiro no coração dos negros irmãos; iluminado pela vibração sensível das emoções históricas, que sentiramse iluminando cada vez mais os sentimentos do prelúdio trágico que a Raça Negra cantou para o esplendor do Brasil. Tu ressurges em nossa memória, paladino da liberdade, da coragem e do amor. Foste o astro de fogo pairando com a tua luz, como o santelmo guiando o viajor"⁷

- "Num dos subúrbios do Rio de Janeiro, a 29 de janeiro de 1905 faleceu, na maior pobreza e quasi esquecido de todos, aquele que Osvaldo Orico chamou de "Tigre da Abolição". José do Patrocínio é um nome que, para nós, deve ser imperecível; e os seus feitos e o seu grande devotamento à causa do abolicionismo, devemos guardar na memória, em sinal de gratidão."⁸

Outra unanimidade era quanto a integração do negro na sociedade

Não localizei nenhum artigo ou menção sobre interesse numa eventual separação entre negros e brancos na sociedade brasileira. Ao contrário, em poucas

⁶ "A Mocidade Negra". Henrique Antunes Cunha. In TRIBUNA NEGRA. Setembro de 1935.

⁷ "Luiz Gama, o Santelmo Guiador da Raça Negra". Vicente Ferreira. In O CLARIM d' ALVORADA. Junho de 1930.

⁸ "José do Patrocínio". Sem assinatura. In ALVORADA. Janeiro de 1946.

referências diretas a esse respeito o que há é rejeição a qualquer tipo de segregação. A assimilação integral na sociedade era uma questão fundamental para os ativistas. A sua denúncia permanente era exatamente a incapacidade (insensibilidade?) da sociedade para cumprir esse ideário:

- "(...)Envelheci com honra de ser descendente de negros.(...) A luta é áspera. O Brasil tem muitos negros. Negros que desconhecem a sua força social, negros que se humilham demais para obterem menores direitos. Negros que preferem ser caudatários dos outros brasileiros a ser brasileiro como os outros. Aqui estou...na luta para a integração dos afro-brasileiros em nossa sociedade. Basta de humilhações, e nada de "quistarias". O negro nacional é brasileiro, tem direitos iguais aos dos brancos. Pode ocupar todos os postos que os brancos ocupam desde que tenham aptidões para tal. Não esmoreçam."⁹

- "Não podemos continuar abismados na contemplação de coisas que são irreais às nossas verdadeiras necessidades. E nos precisamos, não apenas por força do hábito, mas para esclarecer e mesmo prevenir...extirpar a semente de alguma idéia daninha ao desenvolvimento de nossa obra. Assim sendo, nem como uma coisa muito vaga podemos aceitar a idéia de um partido político negro.(...) No Brasil, como em outras partes da América, o homem negro tem um problema. Uma luta pela assimilação que se processa pela conquista da igualdade de seus direitos e do livre acesso aos progressos de suas atividades. São movimentos verdadeiramente

heróicos esses que empreendemos pela nossa nivelação e reajustamento da nossa estabilidade social, cultural e econômica.(...) Para os incautos essa idéia que, mau grado, já foi assoalhada, parece ser maravilhosa. Mas nós objetamos – nesta vida, nem tudo que reluz é ouro."¹⁰

- "O problema negro brasileiro é o da integração absoluta, completa do negro, em toda a vida brasileira (política, social, econômica, religiosa, operária, militar, diplomática, etc; o negro brasileiro deve ter toda a formação e toda aceitação, em tudo e em toda parte, dadas as condições competentes (que devem ser favorecidas) físicas, técnicas, intelectuais, morais, exigidas para a "igualdade perante a lei."¹¹

Mas havia também contradições irreduzíveis, refletindo no meio negro ideologias que dividiam a sociedade:

- "Levanta-se a alarida pelos arraiais da incompetência,, porque o ditador Hitler, no ato violento de repor a Alemanha no caminho das suas tradições, iniciou a campanha da afirmação prática da raça germânica, única com a qual pode contar aquela nação afim de realizar a imensa obra de resgate nacional. Impagável bobagem das inteligências líquidas, que, não compreendendo (salvo o exagero natural em quem tanto sofreu do cosmopolitismo judaico) não compreendendo as razões profundas da atitude nacionalista alemã, quereriam que o grande condutor pactuasse com todas as misérias da democracia que

⁹ "Carta aos negros moços de São Paulo". José Bernardo (Assoc. Fluminense de Jornalistas). In ALVORADA. Janeiro de 1947.

¹⁰ "Nem tudo que reluz é ouro". Editorial do ALVORADA. Abril de 1946

¹¹ "Manifesto à Gente Negra Brasileira". Arlindo Veiga dos Santos. Dezembro de 1931. A transcrição respeitou a forma (enfática) dada a esse trecho, no original.

*permitiu todas as formas da estupidez liberal que iam levando a Alemanha à ruína. Está certo Hitler! (...) Nós também temos uma raça! Se não há, como não pode haver, um só tipo nacional, somos uma Raça Mestiça, com os nossos Negros, Cafusos, Caboclos, Negróides, Brancóides, e (até!) os Bugres que ainda moram no mato.(...) O alemão afirma a raça alemã? Belo exemplo! Grandiosa lição! Façamos a mesma coisa, afirmando a Raça Brasileira! E tranquemos as portas do Brasil por vinte...anos para endireitarmos isto!*¹²

- "Recebe em seu coração o glorioso Rei, S.M. Alberto I (da Bélgica). Manifestações de direito e justiça foram-lhe tributadas por todos os brasileiros, aos reaes hospedes. A SENTINELLA orgulha-se deste acontecimento e apresenta os votos de boa vinda à S.M. Rei Alberto I e soberana família."¹³

- "O ano de 1945 foi muito fértil na realização de Congressos e Convenções de partidos políticos. Mas também houve reuniões, Congressos e Convenções de elementos da raça negra. Bem ou mal intencionados e orientados, os líderes negros de São Paulo movimentaram-se fazendo reviver a luta que os nossos antepassados iniciaram com a campanha da abolição. Novamente surgiram em nosso meio os "iluminados", desejando dar solução oportunista e imediata para o problema negro. Outros com tendências tipicamente racistas e reacionárias, julgaram poder reavivar a luta de caráter racial, no intuito exclusivo, de, por este meio, poderem voltar às suas posições anteriormente

*desfrutadas.(...)Uma coisa curiosa pudemos observar: as tendências racistas foram repudiadas todas as vezes que surgiram, camufladas ou abertamente.(...) O preconceito de cor e o preconceito de raça, são uma "técnica de dominação", aliás usado e abusado nos nossos dias pela Alemanha nazista. Daí ser francamente decepcionante quando encontramos um negro com tendências fascistas ou nazistas.(...) Uma vez implantado este regime no mundo, seria precisamente o negro o maior perseguido.(...) Os falsos líderes negros que desejam simplesmente sua melhoria pessoal e nada têm em comum com a situação geral do elemento negro, procuraram e ainda procuram, a impossibilidade de uma luta consequente contra o preconceito de cor e pela realização de muitos problemas que pleiteamos se tivermos uma orientação nitidamente popular(...) Devemos acabar com os líderes outorgados.(...) A solução do problema negro não está na demagogia de jogar negros contra brancos, trazendo como exemplo os negros dos EUA.(...) Está, antes de tudo, numa luta sem tréguas contra a exploração do homem pelo homem, contra as desigualdades sociais, numa luta prática e eficiente do regime democrático, que dará a chave da solução do problema negro no Brasil."*¹⁴

Concepções divergentes são flagrantes em questões básicas. E até mesmo entre companheiros que labutam lado a lado, durante muitos anos:

- "(...)No relicário da tradição brasileira inscreveram-se não poucas mulheres que lograram iluminar todo um período com a

¹² "A Afirmação de Raça". Arlindo Veiga dos Santos. In A VOZ da RAÇA. Junho de 1933

¹³ "Os Soberanos Belgas no Brasil". Balthazar. In A SENTINELLA. Outubro de 1920

¹⁴ "Advertência". Luiz Lobato. In SENZALA. Janeiro de 1946

sua figura.(...)E dentro êsse escol privilegiado sobressai ...a radiosa Isabel de Orleans e Bragança... cognominada REDENTORA DOS CATIVOS.(...)A corôa, o cetro, as jóias mais preciosas da família, Isabel sacrificou para fundir, imperecível, a estátua da liberdade.(...) Mas Isabel estava convicta de que na alma dos miseráveis, da arraia miuda, do povo, ela viveria como uma projeção do próprio Deus... .(...)Sobre a excelsa mãe dos brasileiros desce o pensamento do povo, como um grande carinho, uma grande saudade..."¹⁵

- "A alvorada de fé e de civismo surgiu radiante na manhã fresca de treze de maio.(...) Felizmente foi entoado com galhardia, nas ruas de São Paulo, o hymno de resistência Palmarina... Treze de maio de 88 foi um domingo de muitas esperanças para todo o povo brasileiro, que vivia anceado pela triste sorte dos pretos cativos. Este treze de maio foi também um Domingo, porém de fé e não de esperanças, porque a fé é a certeza, a esperança é a dubiedade. E de dubiedades e fracassos estamos cansados, precisamos da certeza e segurança na vitória final da raça. A esperança que trouxe a lei Áurea foi a de não se saber o destino do negro que, embora livre das torturas, ficava desde esta data, no mais completo abandono e espoliado em tudo. A fé que trouxe este treze de maio foi a certeza no futuro, porque contemplou-se o negro magestoso na tribuna livre, saudando a aurora de 40 anos de liberdade, de trabalho e de progresso.(...) Agora devemos olhar para o presente que se apresenta grandioso, tal qual o treze de maio de 1928, onde negros

de todos os matizes foram vistos, reunidos na maior confirmação da vontade da raça, nestes últimos tempos de decadência moral."¹⁶

- "Sopram de novo ventos favoráveis para trazer-se à ribalta da opinião pública a questão do negro brasileiro.(...) O negro precisa estar alerta contra os interesses ocultos, contra os adversários intransigentes do seu progresso coletivo, que, à falta de argumento mais convincente, têm a infantilidade beócia de transformá-lo em "racista". E mais digno de lástima é o fato de haver algum negro que idiotamente se presta ao ridículo papel de porta-voz dessa balela arcaica, de há muito destronada. Precisa estar prevenido o negro, igualmente, contra as explorações aviltantes que se querem fazer em seu nome; contra as fraudes de consciências venalizadas pelo suborno, pelo desfibramento, pelo egoísmo, pelo imediatismo utilitário.(...) Por isso apelo ao bom senso, tanto aos que são poucos, os dirigentes, como aos que são muitos, os dirigidos. É imperativo aproveitar inteligentemente o momento que passa, não para frutos transitórios, mas para solidificar um empreendimento capaz de resistir aos entrechoques e competir vantajosamente com a ação corrosiva e inexorável do tempo."¹⁷

- "É interessante no curso dos acontecimentos fazer um apanhado da situação que, de um ou de outro modo, merece focalizar o prisma político – nos quadros ideológicos do negro brasileiro – pela natureza de suas pretensões ou pela maneira com que foi creado.(...) Elementos ávidos por alcançar posições e

¹⁵ "Princesa Isabel – A Redentora". Raul Joviano do Amaral. In ALVORADA. Julho de 1946

¹⁶ "Os dois treze de maio". José Correia Leite. In O CLARIM d' ALVORADA. Junho de 1928

¹⁷ "Apêlo ao bom senso". Raul Joviano do Amaral. In ALVORADA. Abril de 1946.

*vantagens no alto mundo da nossa esfera política, mostraram a falta de visão de cada um em per si... não tiveram nenhuma vantagem e nem qualquer espécie de apoio do nosso elemento.(...) O negro brasileiro não está em condições de se envolver nesse emaranhado de problemas que atualmente inquietam o mundo. Ninguém desconhece a universalidade das lutas em curso, de todos os povos, pela conquista da melhor distribuição de justiça ou de igualdade social. Porém, isso não impede que se reconheça que aqui, neste país, o negro brasileiro tenha e mantenha as suas necessidades específicas, definidas e assentadas em prejuízos, que só pela sua própria luta serão resolvidos.(...) Em suma...temos que lamentar a inconveniência petulante desses elementos: isso porque agiram e agem em nome do negro. No entanto, nas lides que se trava para objetivar os rumos das nossas realizações, não se conhece qualquer pronunciamento ou atitudes que definam a posição dessa gente. São os trânsfugas da raça. São eles os azes da subserviência no beija-mão da politicagem."*¹⁸

Em alguns momentos (e artigos) é difícil saber até que ponto as divergências tem fundo ideológico ou retratam personalismos, vaidades, ressentimentos. Parece que, à medida que foi se burilando o discurso de alguns militantes (principalmente os "imprescindíveis"), foram ao mesmo tempo se desenvolvendo animosidades. De qualquer forma, emociona, em alguns textos, a densidade das reflexões que traduzem a ansiedade, a angústia, da entrega, da abnegação:

¹⁸ "A vitória dos trânsfugas". José Correia Leite. In ALVORADA. Janeiro de 1947.

*- "(...) É que pelo abandono e o descaso para com a raça negra nós temos que lutar muito para quebrar as pontas de lança desta condição em que nos encontramos. E, de fato, temos conseguido tirar aos poucos, da penumbra de um antigo indiferentismo, alguns elementos de capacidade para articular o ciclo deste Movimento. É a nossa luta, ela tem a sua fonte substancial, baseada na esfera de polarização de tantas outras iniciativas que se perderam na incompreensão dos tempos. Mas a nossa luta prossegue. Do desalento temos que tirar os incrédulos e na porfia deste caminho vamos atirando aos trânsfugas e traficantes da raça, os melhores exemplos de abnegação. Exemplos que não são nossos e nem de uma obra que começamos, mas sim de uma luta que continua.(...) Até aqui chegamos e vamos seguindo o nosso caminho sem procurar fazer ou entrar em qualquer contenda. Os fenômenos psicológicos e as complexidades naturais destes movimentos trazem para o campo de nossas questões certos problemas que nem sempre são claros e definidos. E no prisma de todas as nossas inquietações, somente o problema da organização do negro brasileiro é o que nos interessa. Não aceitamos as normas de confusão e nem encantos das grandes promessas.(...) Não lutamos a margem de certas críticas ou de afirmações extemporâneas feitas para despertar a clemência de um falso sentimentalismo que já é notório entre os homens públicos do Brasil."*¹⁹

- "Volto a falar-vos meus irmãos Negros, meus irmãos Fretenegrinos, por ver que, mais uma vez, o vosso nome de Negros

¹⁹ "A nossa luta". Fernando Góes e/ou José C. Leite. In ALVORADA. Janeiro de 1946

que é uma bandeira de glória dentro do Brasil entra a ser explorado por aqueles que, vendo em vossa força de amor e nacionalismo uma bandeira para ambições pessoais, querem fazer-vos instrumentos de ascensão no campo político e talvez econômico...Negros Patrícios! Não vos submetais aos que vos querem vender qual mercadoria fácil e indefesa. Gente Negra! (...)Negros de São Paulo! Negros do Brasil! (...) Vinde ver de perto a nossa obra se a desconheceis. E se não a ignorais, fazei justiça aos justos e aos injustos."²⁰

- "Com stoicismo quasi phantastico a renegada companhia negra frenteveiguina vem resistindo aos violentos atques desencadeados contra o seu carcomido reducto patrianovista da rua Liberdade. Não se pode negar que a FNB como expressão de um ideal em marcha teve a sua actuação fecunda, conquistou nome distincto e registrou até dias de glórias destacadas.(...) A agitação provocada foi como que o rastilho para a explosão da bomba: houve um começo de arregimentação negra no Brasil e os brancos então tremeram no pedestal da sua apregoada superioridade racial. A onda de sócios cresceu em São Paulo, pelo interior afora a obra se propagou fazendo prosélytos e apareceram assim os primeiros núcleos sucursaes. Mas a campanha contra não cessava e vinha sendo feita habilmente, desde o elemento estrangeiro industrialista até os régulos empenachados das correntes políticas dominantes ao tempo. Por outro lado lavrava já a discórdia no seio de milhares de sócios, todos descontentes com o regímem

arbitrário, violento, crivado de absolutismo, que vinha caracterizando a direção suprema da Frente Negra Brasileira.(...) E para completar a crise... vieram os dias terríveis da Revolução Paulista...Foi depois desse momento trágico da nossa luta racial que se patenteou a inhabilidade política dos Srs Veiga dos Santos., que não souberam controlar os acontecimentos para assim evitar a formação da ala esquerda fretenegrina em franca oposição à atitude por elles assumida. (...) Como consequência lógica do "phenômeno" fundou-se a Frente Negra Brasileira Socialista, chefiada pelos esquerdistas e com milhares de sócios. (...) e, finalmente, registrou-se este aborto monstro da candidatura avulsa de deputado à constituinte!! E foi assim que o prestígio "augusto e sereníssimo" do diretor cerebrino da FNB, apesar dele ser Doutor, Professor, cathólico prático e monarquista confesso, entrou em franco periodo de agonia convulsiva.(...) Esperança que foi hontem da grande raça heróica que construiu o Brasil, hoje a FNB é apenas um esquife que passa."²¹

- "A FNB teve adeptos e adversários; mas aí estão com grande prestígio vários dos frutos que têm colhido os homens negros, resultado das boas sementes de tão útil e hábil arregimentação. A impressão é de uma completa vitória, quando há 4 anos, rematando as "démarches" iniciadas para mais uma nova tentativa de coordenação dos elementos negros, poucos pensavam que alcançariam os resultados que já se conseguiram.(...) A arregimentação vai num crescendo animador,

²⁰ "Meus Irmãos Negros! Viva a Raça". Manifesto de Arlindo Veiga dos Santos (Pres. Geral da FNB). 4.5.1932.

²¹ "A Esquife da Frente Negra Brasileira". Benedicto Florêncio. In..BRASIL NOVO. Julho de 1933

encorajando os chefes a prosseguir a luta.(...) A cada passo encontra forte oposição de elementos da raça. Negros e negróides! Mas essas dificuldades têm sido superadas... Dentro do seu "organismo-sindical" tudo se encontra num relativo bem estar... A disciplina é férrea, o respeito mútuo é admirável, em tudo se observa a grande transformação que esta pujante entidade vem impondo no seio da raça negra por meio dos seus doutrinadores incansáveis... Está ministrando a mais de 200 alunos de suas escolas primárias o Curso de Formação Social... Tanto é assim que constantemente se instalam mais delegações..."²²

Não é difícil imaginar as dificuldades para **a participação feminina**.

Homens dominavam a cena. Aristides Barbosa, porém, falou com nostalgia das *Rosas Negras* – as responsáveis pelo departamento feminino – a quem cabia a infra-estrutura (arrumação, limpeza, cozinha, etc) dos eventos da FNB.²³ E do baile organizado por elas, ansiosamente esperado pelos fretenegrinos: garantia de qualidade e de fundos preciosos para as atividades gerais. Todos os contemporâneos também se referem com simpatia às professorinhas que eram as responsáveis pelos esforços de alfabetização – atuação estratégica numa Frente Negra galvanizada pela política eleitoral (analfabeto não votava). Se bem que, ao que parece, não fosse comum outro tipo de participação, jamais deixou de haver aquelas que se

insubordinavam com o *status* que lhes era conferido:

- "Tudo se agita, os espíritos cultos lançam novas idéias com o fim de melhorar a situação mundial. O mundo está inflamado; alguma porção do globo não suporta a situação aflita da época.(...) Só no negras, caras patricias, extasiamos diante do acontecimento mundial. Quando as lutas se sucedem com o fim de melhorar a vida deste ou daquele povo, é sinal de que os espíritos tomam noção dos seus deveres e suas boas idéias são aceitas.(...) E nós, patricias, precisamos nos mover, sacudir a indolência que ainda nos domina e nos faz tardias. O cativo moral para nós negros ainda perdura. Muito a propósito do triste conceito que fazem sobre nós, olhemos o que nos preparam. Notemos a fundação desta Escola Luiz Gama com o fim de preparar meninas de cor para serviços domésticos. Por esta iniciativa se vê que para os brancos não possuímos outra capacidade, outra utilidade ou outro direito a não ser eternamente o de escravo.(...) Mas isto não sucederá, só se não houver negros que sintam bem de perto a necessidade de nos movimentar para nossa reabilitação na vida social. A vida de um povo depende da sua juventude. Pois bem, nos além de jovens somos mulheres... Mas onde podemos trabalhar, comungar as mesmas idéias? Em toda parte... instruindo-nos, procurando conhecer bem de perto a necessidade do negro."²⁴

- "Passam os dias. Momentos de sucessos indecisos vem desordenados à consistência espiritual do homem, que cansado mas inarrefecido de esperanças sonha, aneia, periclit, clama aos

²² "A FNB e o seu 5º aniversário de fundação". Francisco Lucrécio. In A VOZ da RAÇA. Agosto de 1936.

²³ Vídeo *Frente Negra Brasileira*. Enugbarijo produções artísticas. Direção: Zózimo Bulbul, Adatao e Vick Santos. 1984.

²⁴ "Apêlo às Mulheres Negras". Nice. In O CLARIM. Abril de 1935

deuses, e, as vezes sucumbe extemporaneamente, sem atingir o anelo almejado.(...) Damas, jovens negras, vos que viveis neste turbilhão de transformismo para a perfeição da vida, não podeis ficar indiferente deante da situação que vos diz respeito, mormente se tratando da inferioridade social estigmatizada pelos preconceitos. Vós que se propõem, ao lado dos vossos companheiros, afrontar as vicissitudes, não sabeis o que o destino vos reserva. Portanto, é preciso indagar das suas causas e procurar a perfeição da sua cultura para melhor cooperar em prol da coletividade."²⁵

- "(...) O papel da mulher na sociedade e na vida atual, nada mais é do que uma declaração de caráter elevado, mais ou menos geral.(...) Há indivíduos que julgam, que apesar da grande evolução social, a mulher uma vez desembaraçada da tutela paternal, ela deverá se dedicar a espécie de bibelôs, ou um animalzinho doméstico, ou como simples instrumento para a continuação da espécie. Considerando que o mundo não pertença só aos homens, e sim também à mulher, e que a felicidade ou a desgraça quando sobre a humanidade não respeitam sexo, e que a mulher aceitando com resignação toda qualquer responsabilidade decorrente das dificuldades da vida, ela julga ter direito de aceitar ou não as idéias daqueles que se arvoram em diretores, que discutem a questão de ser à mulher indispensável a tutela masculina: privilégio e prazer do tão falado sexo forte. Entretanto, é preciso que os homens sejam menos egoístas para que as mulheres, uma vez que já têm dado sobejas provas

de cooperação, também lhes caiba o direito de sua liberdade como humanas que são, pois atualmente devido as sérias responsabilidades que lhe são atribuídas não lhes será possível subsistir aos moldes antigos, e sim à uma nova estruturação."²⁶

Sobre a questão crucial das **relações do Movimento Negro com outros setores da sociedade**, surpreende a postura, particularmente de um grupo, mas referendada pela maioria dos presentes num dos momentos mais concorridos para as definições estratégicas da FNB, sobre as relações com os povos indígenas:

- "A segunda grande reunião da Frente Negra trouxe mais um tropeço para um entendimento entre sua direção e o grupo do Clarim d' Alvorada. Foi anunciado que um cidadão iria levar à Frente o apoio de vinte ou cinquenta mil índios. O grupo do Clarim, prevenido desse fato, apressou-se a elaborar um estudo mostrando a inconveniência e o ridículo disso, visto como todo mundo sabia que os índios sempre foram bem defendidos, desde os tempos dos Jesuítas. Esse trabalho foi lido naquela reunião e não sofreu contestação, ficando provada a desnecessidade dos negros advogarem a causa dos índios, assim como também a aversão, sempre manifestada por esses últimos, em relação aos primeiros. Com isso, o representante dos índios retirou-se da sessão, não mais se tocando, na Frente Negra, em questões de índios."²⁷

²⁵ "O Dever Social da Mulher". Querine (dedicado a Eunice). In O CLARIM. Março de 1935.

²⁶ "Algo Feminino". Sofia de Campos. In SENZALA. Janeiro de 1946.

²⁷ "Movimentos Sociais no meio negro". Depoimento de José Correia Leite. In Documento assinado por Renato Jardim Moreira (aluno de Florestan Fernandes), com expresse auxílio do depoente, no início da

Tanto mais que eram conhecidas as formulações do primeiro presidente da FNB, Arlindo Veiga dos Santos, sobre a igualdade de importância das três raças formadoras do povo brasileiro: portugueses, negros e índios. Mais ou menos no mesmo período o jornal PROGRESSO – editado por Lino Guedes, um dos baluartes da luta negra (além de poeta festejadíssimo), publicou o seguinte artigo:

- *"A história do Brasil...é feita dos maiores disparates...Assim é que, uma relação ao contato entre negros e índios neste pedaço de chão americano, inventou-se que o indígena nutria pelo negro a maior aversão. Chamaram a isso de "repugnância antropológica", metáfora literária de força impressionante para exploradores e escravizadores do homem, mas que na realidade da vida de indivíduos negros e índios, que deram origem ao povo do Brasil, se desfez na íntima fusão de alma e de corpos que no alto das serranias de Palmares buscavam o direito a vida sob a égide da liberdade.(...) O homem Tupy não repeliu o homem negro... ao divisar pela primeira vez o homem de pele cor da noite, chamou-o expressiva e caracteristicamente: TAPAIÚNA! Que quer dizer na língua do indígena: Tupy Preto.(...) E como classificou ele o português? Simplesmente de EMBOABA, isto é, cobra.(...) Sejam os e denominemo-nos com amor e entusiasmo aquilo que Tupy achou em sua espontaneidade humana, que eramos como pessoa humana. Tapaiúnas! Como assim quiseram os Tupys nossos irmãos."*²⁸

década de 50. Embora muito utilizado por F.F., ao que parece até hoje não foi publicado isoladamente.

²⁸ "TAPAIÚNA!". A. Orlando. In PROGRESSO. Setembro de 1931

Resta comentar a quase total *ausência de referências*, na Imprensa Negra paulista desse período, à *questão das manifestações culturais e religiosas*, que, mais ou menos na mesma época, em outras partes do país lutava pelo direito de emergir dos terreiros (um espaço segregado) para a "luz do dia". É vasta a bibliografia que trata, por exemplo, do processo de instituição das Escolas de Samba do Rio de Janeiro; ou dos Candomblés e da Capoeira, na Bahia; do Frevo, em Pernambuco...

Se o rádio já levava o samba a todo o país na década de 30, e o desfile das Escolas de Samba obtinha patrocínio governamental e apoio de órgãos de imprensa, porque estes êxitos raramente se refletiam nas páginas daqueles jornais tão combativos pelas *coisas do negro*?

A presença do imigrante – a convivência com sua vida abnegada, sacrificada, com exemplos de disciplina e progresso, os conflitos de valores, as disputas no mercado de trabalho – em maior quantidade que em qualquer outra região pode ser arrolada como um dos elementos que fizeram a diferença. Conversas descontraídas já nos anos 70 e 80 deixavam ver que havia, realmente, uma certa reserva, um certo cuidado, nas relações entre aquelas *elites negras politizadas* e a grande maioria negra que também buscava e, ao seu jeito realizava, a sua integração. Em que medida o pensamento crítico e autocrítico do *meio negro* teria influenciado aquela população que se espalhava pelos subúrbios da capital é algo cuja análise está fora das possibilidades deste trabalho.

Florestan Fernandes falando das lutas do negro em São Paulo até os meados do século XX, diz que *"Pela própria natureza das coisas, essa 'revolução dentro da ordem' e para a 'pureza e*

normalidade da ordem' estava destinada ao malogro."²⁹ Será que numa perspectiva histórica de mais longo prazo não seria possível questionar os valores que estão subjacentes à avaliação do *malogro*?

- O racismo "científico", que já vinha desde o final do século XIX perdendo respaldo acadêmico, acabou por se mostrar uma falsidade ideológica, e está (ao que parece) definitivamente enterrado;
- Se as elites pretendiam um país branco frustraram-se, pois a mestiçagem tanto branqueia, quanto escurece. Gilberto Freyre, com todo luso tropicalismo e conservadorismo, talvez tenha dado o tom mais conveniente para eventuais "recuos" dos nostálgicos do arianismo, quando caracterizou o povo brasileiro como uma meta-raça.³⁰
- O ideal do branqueamento, embora ainda encontre prosélitos, sofre cada vez maior desgaste, em função da emergência do Movimento Negro como agente político e social e dos desdobramentos da luta contra o racismo – vide o fenômeno da Revista RAÇA Brasil (mais de 300 mil exemplares vendidos no primeiro número), e as revoluções de comportamento que estão levando ao "*relaxamento e aproveitamento*" de uma nova *estética afro*.

²⁹ "Integração do negro à sociedade de classes". Obra citada. pg. 307

³⁰ Ver *Aspectos da influência africana no Brasil*. In Revista CULTURA. Publicação do MEC. Brasília. Ano 6 n.23 out/dez 1976

- Da mesma forma, a crença na aculturação/assimilação do negro, vista como a submissão gradual das culturas de matrizes africanas aos padrões ocidentais, também malogrou e parece que sucedeu o inverso – os mais propagados símbolos nacionais são negros de origem, quase inteiramente ressignificados como brasileiros.

Se formos capazes de ver o pensamento social forjado no *meio negro* (do qual tentamos analisar um "*momento fugaz*"), como parte do pensamento social brasileiro, quer dizer, como também responsável (com erros e acertos) pelo que vem se tornando este país, poderemos contemplar uma sociedade com vítimas e heróis de todas as cores – em que pese o nível de isenção necessário para "relativizarmos" os flagrantes prejuízos sociais (principalmente da população afro-brasileira, mas não só) que tem no racismo um fator decisivo.

Estimulado, entre outros, por Marshall Sahlins (1992), e Edgar Ferreira Neto (1997), (cujos textos, por sinal, não referem nada diretamente ao Movimento Negro ou às relações raciais no Brasil), tenho pensado que é necessário olhar com mais acuidade a dimensão das transformações acontecidas desde que se encontraram negros e brancos neste país. Aqueles autores e seus trabalhos alertam: processos sociais e históricos precisam ser observados para além de significações e "encaixes" em certas teorizações, precariamente contextualizadas e iludidas sobre sua eternidade. É insensato pretender "amarrá-los" aos efeitos mais visíveis, desde sua "descoberta" e primeiras interpretações.

Será possível (e será que interessa?!)
“amarrar” a tamanha envergadura do
que se vem construindo a partir
daqueles encontros e de tudo que vem
gerando o contencioso das relações
‘raciais’ no Brasil? Tenho proposto,
então, o conceito de **Cultura de
Consciência Negra** – recriação
vastamente compartilhada de
referenciais históricos, simbólicos e
estéticos de matrizes africanas
temperados pela vivência afro-brasileira
– ao âmbito de uma *práxis* social
deliberada, alargada e envolvente,
imbuída da desestruturação-reversão
dos fundamentos éticos daquelas
relações.

“Chegaremos lá”! Por isso e para isso,
vale o que está escrito.

Referências

- ALBERTI, Verena. e PEREIRA, Amílcar. **Histórias do Movimento Negro Brasileiro**. Pallas editora. RJ. 2007.
- AZEVEDO, Fernando de. **A Cultura Brasileira**. Ed. UFRJ/Ed. UNB. Rio de Janeiro. 6ª ed. 1996.
- BARROS, Antonieta de. **Farrapos de Idéias**. 3ª edição, Comissão do centenário de Antonieta de Barros. Florianópolis. 2001.
- BENTES, Nilma. **Negritando**. Graphitte editores. Belém-PA. 1993.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura**-vol 1. Editora Brasiliense. SP. 1985.
- BONFIM, Manoel. **A América Latina – Males de origem**. Topbooks. RJ. 1993.
- CARDOSO, Marcos Antônio. **O Movimento Negro em Belo Horizonte 1978-1998**. Mazza edições. BH. 2002.
- FERNANDES, Florestan e BASTIDE, Roger. **Branços e Negros em São Paulo**. 3ª edição. Cia Editora Nacional. SP. 1971.
- FERNANDES, Florestan. **A integração do negro à sociedade de classes**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. 1964.
- FERRARA, Mirian N. **A Imprensa Negra Paulistana (1915-1963)**. FFLCH-USP. São Paulo. 1986.
- FERREIRA, Sylvio José B. R. **A questão Racial Negra em Recife**. Edições Pirata. Recife. 1982.
- FERREIRA NETO, Edgar. História e Etnia. In **Domínios da História**. Cardoso, Ciro F. e Vainfas, Ronaldo. Ed. Campus. RJ. 1997.
- FERREIRA, Y. e PEREIRA, A.M. **O Movimento Negro e as eleições**. Edição SINBA. RJ. 1983.
- FREYRE Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. José Olímpio. 19ª edição. RJ. 1978.
- _____. **Novo mundo nos trópicos**. Cia Ed. Nacional e Edusp. SP. 1969.
- _____. Aspectos da influência africana no Brasil, **Revista Cultura**. MEC. Brasília. 1976.
- HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e Desigualdades raciais no Brasil**. Edições GRAAL. SP. 1979.
- LEITE, José Correia e CUTI. **Assim falava o velho militante**. Sec Municipal de Cultura. SP. 1992.
- MORAES PINTO, Benedita Celeste de. **Nas veredas da sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos**. Editora Paka-Tatu. Belém. PA. 2004.
- MOURA DE LIMA, Waldemar (Pernambuco). **Rasgando Máscaras – Tirando fantasias**. Editora Milênios. POA-RS. 1999.
- OLIVEIRA SILVEIRA: Vinte de Novembro: História e Conteúdo. In Gonçalves e Silva, Petronilha B. e Silvério, Valtér R. **Educação e Ações Afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica**. INEP. Brasília. 2003.
- PEREIRA, Amauri Mendes. **Trajetória e Perspectivas do Movimento Negro Brasileiro**. Nandyala editora. Belo Horizonte. 2008.
- PEREIRA, A. M e SILVA, Joselina da. (Orgs). **Movimento Negro Brasileiro: Escritos sobre os sentidos de Democracia e Justiça Social no Brasil**. Nandyala editora. BH. 2009.
- RODRIGUES, João Jorge Santos. **Olodum estrada da paixão**. Edições Olodum. Salvador. 1996.

ROQUETTE-PINTO, Edgar. **Ensaio de Antropologia Brasileira**. Cia. Editora Nacional-SP e INL-Brasília. 1978. 2ª edição.

SAHLINS, Marshall. Cosmologias do Capitalismo: O setor transpácífico do "sistema mundial". In **Rev. Religião e Sociedade** 16. 1992.

SANTOS, Ivair Augusto Alves dos. **O Movimento Negro e o Estado: o caso do Conselho de Participação e desenvolvimento da Comunidade Negra no Governo de São Paulo (1983-1987)**. Dissertação de mestrado em Ciência Política-UNICAMP, 2001.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**. Cia das Letras. SP. 1993.

SEYFERTH, Giralda. A antropologia e a teoria do branqueamento da raça no Brasil: a tese de João Batista de Lacerda. **Revista do Museu Paulista**. vol XXX. 1985.

_____. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. In **MANA** –

Estudos de Antropologia social. Vol 3 nº1 Abril 1997.

_____. Eugenia, racismo e o problema da imigração no Brasil. In Alves, I. e Garcia, H.M. (Orgs). **Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência**, RJ. SHBC. 1997.

SILVA, Fátima Aparecida. A Frente Negra Pernambucana e sua continuidade como Centro de Cultura Afro-Brasileiro na ótica de um dos seus fundadores: José Vicente Rodrigues Lima (1937). In Pereira e Silva (Orgs). **Movimento Negro Brasileiro: Escritos Sobre os Sentidos de Democracia e Justiça Social no Brasil**. Editora Nandyala. BH. 2009.

SILVA, Joselina da. A União dos Homens de Cor: aspectos do movimento negro dos anos 40 e 50. **Estudos Afro-Asiáticos** ano 25 nº 2, 2003.

VAINER, Carlos. Estado e raça no Brasil: notas exploratórias. **Estudos Afro-Asiáticos** nº 18. RJ. 1990.